

## Editorial

Prezada leitora, prezado leitor,

É com alegria que vemos ser publicado este número 34 de *Educação: teoria e prática*, que nos convida à reflexão sobre diferentes aspectos do contexto educacional atual, em busca de caminhos para sua transformação.

O primeiro artigo, em francês, “La Forme Scolaire et la Pédagogie Freinet, à l'Épreuve de l'Éducation Comparée. Sur le livre d'Yves Reuter et autres études longitudinales” é de autoria de Olivier Francomme. Focaliza a dimensão pedagógica do processo educativo e chama atenção para a importância do estudo da *forma escolar*, inclusive para a formação de professores. Francomme apresenta três pesquisas, cuidadosamente selecionadas no cenário francês, que empreendem uma análise comparada de práticas pedagógicas e evidenciam a importância da *forma escolar* no desempenho dos alunos.

Além do artigo de Francomme, contamos neste número com mais uma colaboração internacional. Em um texto bastante esclarecedor, “Refletindo sobre a Dimensão Privada da Educação Estatal”, Clementina Marques Cardoso refere-se às diversas formas que pode assumir a privatização da educação, priorizando em sua análise as veladas interferências privadas na formulação de políticas públicas. No cenário de intensa competição entre os países, Cardoso ressalta a emergência da dimensão privada do público estatal e da dimensão do público/estatal privado, cujo estudo, adverte a autora, desafia os instrumentos de análise e de pesquisa ora disponíveis.

A busca por caminhos alternativos ao modelo de sociedade, de educação e de escola que temos hoje ecoa em diversos artigos aqui reunidos. Por meio de instigante argumentação, o artigo “Educação Contemporânea: a sociedade autolimpante, o sujeito obsoleto e a aposta na escolha” de Rogério de Almeida nos provoca a pensar sobre os fins da educação na sociedade em que vivemos. Diante dos impasses enfrentados por um modelo de educação voltado à reprodução de valores modernos e a partir do diálogo com autores que pensam o pós-moderno, Almeida chama atenção para a necessidade da escola admitir a incerteza, lançar-se à interrogação e apostar em uma educação que possibilite ao educando desenvolver a capacidade de escolher e de assumir suas escolhas.

Também em busca de caminhos possíveis, Neide Saisi em “Educação infantil e família: uma parceria necessária” chama atenção para as dificuldades

comumente presentes nas relações estabelecidas entre escola e família, em grande parte decorrentes da força da tradição moderna que subsidia nossa cultura e práticas escolares. Discutindo o caso de uma escola pública de educação infantil, ressalta a existência de “pontos de tensão” nessas relações, que dificultam o estabelecimento de parcerias entre as duas instâncias. No entanto, como ressalta Saisi, a parceria com as famílias é uma necessidade da escola, para que possa reconstruir-se continuamente tendo por base o contexto social no qual atua.

Marcos Antônio Correia, em “A Geografia Cultural no III Milênio: perspectivas epistêmico-metodológicas e pedagógicas” também se mostra, como Almeida e Saisi, em busca de alternativas ao modelo de conhecimento e de educação propostos pela modernidade. Encontra possibilidades na geografia cultural que, segundo seus argumentos, prevê maior participação dos sujeitos na produção e disseminação de saberes e oferece subsídios para uma “pedagogia diferenciada”.

Essa busca por possibilidades de transformação do modelo escolar que temos conduz Nelson Vicente Jr. a pensar sobre as potencialidades do ensino de Filosofia. Em seu artigo “Ensino e Cultura Escolarizada: o *habitus* no processo de estruturação do campo social da escola” Vicente Jr. apoia-se nas análises que Pierre Bourdieu faz do caráter reprodutor do sistema escolar francês para evidenciar descaminhos da escola brasileira, cuja atuação junto à população menos favorecida tem se mostrado incoerente com as nobres atribuições que recebe nos textos legais.

Cristiano Tierno Siqueira e Maria Waldenez de Oliveira, por sua vez, encontram no movimento Hip Hop, a inspiração para mudanças no modo como pensamos a educação dos jovens. Por meio do artigo “Processos Educativos no Hip Hop: a celebração dos valores da comunidade”, tornam visíveis práticas e valores relacionados a esse movimento, ressaltando sua dimensão educativa, seja para os jovens que dele participam, seja para aqueles que dele se aproximam, educadores dispostos a experimentar a incerteza e o questionamento.

Os demais artigos deste número focalizam equívocos muitas vezes presentes nas práticas pedagógicas escolares. Nesse sentido, “Comparação de Duas Experiências de Sondagens na Alfabetização: Brasil e Alemanha” de Claudia Riofi, Diana Shuler e Valdir Barzotto apresenta questionamentos sobre o trabalho cotidiano dos professores alfabetizadores no que se refere à realização da delicada tarefa de identificar e registrar as hipóteses das crianças com relação à escrita. Em um estudo comparado envolvendo professores brasileiros e alemães, os pes-

quisadores ressaltam o caráter redutor das sondagens, tal como vêm habitando o cotidiano escolar. Segundo eles, as sondagens são realizadas como mera aplicação de uma grade de verificação pré-estabelecida, o que faz do professor um “dispositivo de transposição” dessa grade. Assim, o atendimento às exigências burocráticas impostas à atuação dos professores se sobrepõem (também neste caso) à dimensão investigativa da docência, que confere sentido e pertinência a procedimentos como as sondagens na alfabetização.

No artigo “Moralidade e Moral Ecológica: contribuições para a prática docente”, Ligiane Gomes relata uma interessante pesquisa que realizou com crianças e adolescentes, por meio da qual comprovou que a moral ecológica tem uma dimensão psicogenética. A partir de seus achados sobre a existência de relações entre o desenvolvimento da moralidade e a aquisição da moral ecológica, a autora nos adverte sobre descaminhos presentes no modo como a educação ambiental vem sendo trabalhada nas escolas.

Em “Os Erros no Processo Ensino/Aprendizagem em Matemática”, Carlos Correia discute o valor (sempre tão pouco considerado) do erro na aprendizagem. Correia se detém no ensino da matemática, mas o papel que atribui ao erro, como um “recurso orientador” para o professor, mostra-se decerto pertinente para uma discussão mais geral sobre o trabalho dos professores com as diferentes disciplinas.

O número traz também resenha do livro “A arte da pesquisa” (BOOTH, W.C.; COLOMB, G.G.; WILLIAMS, J.M.) elaborada por Fedra R. Hinojosa. O livro oferece informações pertinentes e detalhadas para que aqueles que iniciam no ofício de pesquisador.

Aproveitamos a oportunidade para partilhar com nossos leitores a notícia de que a versão eletrônica de *Educação: teoria e prática* foi elevada à categoria B2 na última avaliação do Qualis/CAPES. Momento de festa e também de renovar nossos agradecimentos a todos que colaboram para a produção e circulação de cada número desta revista.

Por fim, desejamos a todos que tenham leituras prazerosas desses inquietantes trabalhos que aqui reunimos.

**Flavia Medeiros Sarti**  
Pela Comissão Editorial